



DAS MARGENS AO CENTRO: AS DIFERENTES EXPRESSÕES DE CENTRALIDADE DA SOCIABILIDADE GAY NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO

João Victor Sanches Patrício ¹

RESUMO

O presente trabalho pretende identificar e analisar as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay na área central do Rio de Janeiro na última década. O popularmente conhecido “fervo” gay reúne um conjunto de práticas de encontros, festas e eventos realizados em espaços públicos e/ou privados e são vistos pelos seus frequentadores como uma maneira de reafirmar de sua identidade e garantir visibilidade social. Parte-se do princípio que esse tipo de sociabilidade tem como resultado a constituição de diferentes expressões de centralidade definidas de acordo com os marcadores sociais da diferença (filiação étnico-racial, classe social e gênero) denotando uma produção e apropriação do espaço urbano segmentada e fragmentada.

Palavras-chave: Centralidades, Sociabilidades juvenis, Área Central, Homossexualidades.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo identificar y analizar las diferentes expresiones de centralidad de la sociabilidad gay en el área central de Río de Janeiro en la última década. El popularmente conocido como "fervo" gay aglutina un conjunto de prácticas de encuentros, fiestas y eventos celebrados en espacios públicos y/o privados y son vistos por sus frequentadores como una forma de reafirmar su identidad y asegurar la visibilidad social. Se supone que este tipo de sociabilidad da lugar a la constitución de diferentes expresiones de centralidad definidas según los marcadores sociales de la diferencia (filiación étnico-racial, clase social y género) que denotan una producción y apropiación segmentada y fragmentada del espacio urbano.

Palabras clave: Centralidades, Sociabilidades Juveniles, Área Central, Homossexualidades.

¹ Mestrando do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), jsanches1605@gmail.com



INTRODUÇÃO

A discussão de Gênero e Sexualidades na Geografia remonta ao final da década de 1960, em meio a eclosão de movimentos sociais em diferentes partes do globo que contestavam a ordem social estabelecida e criticavam os “Anos Dourados” do pós- Segunda Guerra Mundial. Movimentos feministas, ecologistas, pacifistas, de defesa dos direitos civis da população negra e de homossexuais iam as ruas reivindicar maior visibilidade social e a busca por equidade e justiça social. A Geografia enquanto uma ciência atenta a relação entre espaço e sociedade não se furtou a analisar esses novos movimentos, sobretudo o feminista, que no auge de sua Segunda Onda teve como norte a crítica ao patriarcado e a posição submissa da mulher. Como aponta Silva (2000) diversos foram os trabalhos produzidos em centros acadêmicos estadunidenses e britânicos que se propunham a discutir a relação entre a entidade feminina e o espaço e o papel da mulher na produção científica geográfica. A discussão sobre sexualidades na Geografia ganhará ímpeto após a Revolta de Stonewall In ocorrida na cidade de Nova York em 1969², tal momento terá como resultado a eclosão de um novo movimento social gay que rompia com a posição assimilacionista da década de 1950 e propunha uma postura de exaltação da diferença. Ao longo da década de 1970 diversos trabalhos serão produzidos tendo como objeto central de análise a sexualidade, em subcampos da Geografia historicamente consolidados como a Geografia Urbana e a Geografia da População (SILVA, 2000).

No Brasil o tema de Gênero e Sexualidades na Geografia será abordado com maior veemência a partir da década de 1980. As causas para esse atraso quando comparados aos países do Norte global são os 21 anos de Ditadura Militar que através da repressão e silenciamento de identidades e posturas divergentes em nome da preservação da “moral e bons costumes” (QUINALHA, 2014) impedia qualquer tipo de defesa dessa pauta e da própria postura de alguns departamentos de Geografia, sobretudo os de maior renome em não aprofundar e/ou discutir essa temática. As causas para essa aparente “falta de interesse” na temática de Gênero e Sexualidade pela Geografia brasileira, de modo geral, segundo Silva (2012) estão ligadas ao conservadorismo teórico e o apego a linhas de pesquisa tradicionais em departamentos de universidades localizadas em grandes centros urbanos e questionamentos de ordem metodológica e conceitual a respeito do tema. Porém, nas últimas décadas iniciativas de

² A Revolta de Stonewall In é considerado um marco na luta pelos direitos LGBTQIA+ nos países ocidentais. Porém, pouco se discute o papel de liderança de mulheres transexuais e travestis nesse momento. Destarte a travesti Marsha P. Johnson, negra e moradora do subúrbio de Nova York foi responsável por incitar os frequentadores a responder com violência a intimidação policial.



consolidação e popularização dessa temática ganharam espaço na geografia brasileira, destaque para a criação do GETE (Grupos de Estudos Territoriais) da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero e da imensa quantidade de artigos, dissertações, teses e publicações sobre questões relacionados a teoria queer em institutos de pesquisa localizados em cidades médias e pequenas. (FRANÇA, 2006).

A pesquisa apresentada nesse Encontro é antes de tudo resultado da visão crítica e do descontentamento por parte de seu autor que ao longo de toda a graduação desconhecia autores (as) e produção bibliográfica sobre a temática de Gênero e Sexualidades na Geografia, e de modo particular, na Geografia Urbana. Tal inquietação levou ao seguinte questionamento: “Como pensar, analisar e compreender a cidade e seus processos espaciais a partir de uma perspectiva de gênero e sexualidade?”. Afinal, os atores que produzem o urbano são sujeitos generificados, corporificados, com desejos sexuais/afetivos e suas escolhas, permanências, deslocamentos e vivências muitas das vezes está diretamente atrelada a essas condições. No intuito de procurar respostas foi iniciada a presente pesquisa que tem como objetivo principal analisar a formação de diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay masculina na área central do Rio de Janeiro e de compreender essas centralidades numa perspectiva que foge da análise clássica de um processo espacial marcado pela heterogeneidade e constituição de fluxos diversos, mas sim, de centralidades segmentadas por questões relativas a classe social, filiação étnico-racial e identidades de gênero que revelaria o atual modelo de produção da cidade capitalista: racional, fragmentado e segmentado.

Posto isso é necessário esclarecer algumas escolhas de ordem teórica e conceitual utilizadas na pesquisa. A primeira delas é em relação a área de estudo: o Centro da Cidade do Rio de Janeiro. A escolha da área central como objeto de análise ocorre por motivos teóricos e históricos, o primeiro e mais evidente, é pelo alto caráter centralizador que essa área possui em relação ao restante do tecido urbano. Mesmo diante de processos como o espraiamento do tecido urbano em direção a vertente sul e a constituição de subcentros em diferentes pontos da cidade o Centro do Rio possui ainda hoje uma importante centralidade urbana concentradora de atividades de gestão, comércio popular, turísticas, financeiras e de lazer/diversão. E em seu interior existe uma diversidade de diferentes centralidades organizadas em setores e ruas segmentadas por atividades específicas. (RABHA, 2006).

Outro ponto importante é o histórico das atividades de lazer e sociabilidade LGBTQIA+ na área central do Rio de Janeiro. Autores como Trevisan (2013), Green (1999) e Parker (2002)



apontam a existência de locais de encontro para atividades sexuais e afetivas desde o século XIX em diferentes áreas do centro, tais como o Largo do Rocio (atual Praça Tiradentes), Cinelândia e Lapa. Green (1999, p. 141) inclusive aponta um “circuito homoerótico” na área central que descreveria um “semicírculo que se estende da Praça Tiradentes até os Arcos da Lapa” formando por discotecas, bares, motéis, banheiros públicos e cinemas de pegação. Mesmo em meio a sucessivas reformas urbanas vivenciadas por algumas localidades do Centro nas últimas décadas esse circuito homoerótico se manteve relativamente intacto, com algumas mudanças ocasionais, de localização, tipo de estabelecimento e público frequentador, mas nada que modificasse substancialmente o *status* do centro do Rio como uma centralidade do lazer/diversão LGBTQIA+.

Por fim, a escolha da sociabilidade como forma de compreender a presença e relação da população gay masculina com o espaço urbano se apoiou em algumas premissas. A primeira foi a inexpressividade dessa temática de pesquisa na Geografia Urbana, e em especial, no departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Embora, possuindo trabalhos que versem sobre a sociabilidade em espaços públicos ou semipúblicos das cidades é escasso o número de produções que se dirijam a população LGBTQIA+. Outro ponto foi a importância que a sociabilidade adquire para a vivência desse grupo social na cidade; a existência de bares, boates, saunas e até mesmo banheiros públicos não representam apenas simples locais de encontro e/ou pegação para esses atores, mas sim uma forma de se apropriarem, mesmo que marginalmente, de uma cidade que é hostil a sua presença e aos seus deslocamentos. Estar nesses locais, segundo as palavras de um entrevistado, é ser “alguém, ser acolhido, se sentir parte da comunidade” (entrevistado da pesquisa, 26 anos) portanto sendo fundamental para a construção de sua identidade social. Por isso, é importante o olhar crítico sobre esses locais e essa sociabilidade, pois à medida que tais espaços são cada vez mais operados por grandes agentes econômicos e se inserem numa rede global de estilos, marcas e símbolos, algumas identidades são preteridas, outras são silenciadas e uma identidade dita “padrão” emerge. Analisar essas centralidades e as práticas espaciais experienciadas nelas é o que motivou as próximas etapas aqui discutidas.



METODOLOGIA

A construção metodológica da presente pesquisa foi alvo de inúmeras modificações ao longo de dois anos. Primeiro, é preciso salientar que o início da pesquisa ocorreu em meio ao decreto oficial da Organização Mundial da Saúde de pandemia do vírus SARS-COV-2 no dia 15 de março de 2020. Concomitante a essa declaração a Prefeitura do Rio de Janeiro decidiu estabelecer o fechamento de atividades essenciais por um período prorrogável até a emergência sanitária estar sob controle. Tal medida inviabilizou completamente a realização de trabalhos de campo em estabelecimentos comerciais e espaços na Área Central do Rio de Janeiro reconhecidos como LGBTQIA+ ou *gay friendly*. Diante disso a estrutura metodológica foi radicalmente alterada.

Tal impossibilidade abriu a perspectiva do autor para criticar o recurso metodológico inicialmente planejado: ao escolher locais de sociabilidade no Centro da Cidade baseado em minhas vivências e preferências estaria reduzindo o campo de análise e reproduzindo o meu olhar, gosto e comportamento sob o objeto científico. Diante de tal dilema optei por recomeçar uma nova metodologia, dessa vez pautada por um distanciamento do pesquisador em relação ao tema analisado. A partir de contatos de amigos e grupos de encontros em redes sociais como *Whatsapp* e *Facebook* busquei homens gays na faixa etária entre 20 e 30 anos dispostos a conceder entrevistas. Ao todo foram selecionados 80 entrevistados de diferentes localidades do município do Rio de Janeiro e com condições econômicas, étnicas-raciais e identidades de gênero díspares. As entrevistas eram realizadas através das plataformas de vídeo *Google Meet*, *Zoom* e *Whatsapp* duravam em torno de 1 hora e meia e eram divididas em 2 momentos: o primeiro consistia na apresentação do entrevistado e na coleta de informações gerais (local de residência, nível de escolaridade, ocupação profissional); o objetivo dessa primeira etapa era traçar um perfil geral do entrevistado e classificá-lo em estratos de classe, renda e filiação étnico-racial. Aqui abro um adendo: para conquistar a confiança do entrevistado e ao mesmo tempo traçar um perfil de suas condições socioeconômicas foram evitadas perguntas invasivas sobre renda e ganhos financeiros, sendo utilizadas perguntas indiretas como “você possui automóvel?”, “mora com seus pais?”, “depende financeiramente deles?” como forma de subentender seu nível de renda e posição de classe.



O segundo momento consistia no apontamento dos locais onde costumavam frequentar, a sua localização e os motivos que os levavam a ir nesses lugares. Além disso, os meios de locomoção utilizados para o deslocamento até esses espaços e algumas opiniões a respeito do local e seus frequentadores eram realizadas. A entrevista era semi-estruturada e conduzida de acordo com os rumos na qual o entrevistado tomava, por diversas vezes, temas não correlatos a pesquisa como o medo da violência LGBTbifóbica, críticas ao movimento LGBTQIA+, discussões sobre padrões de beleza e experiências sexuais e afetivas foram objetos da conversa. Essas entrevistas eram baseadas no modelo da chamada “pesquisa-ação” (THIOLLENT, 1986) onde o protagonista da pesquisa é o entrevistado e os rumos da mesma são definidos pela sua capacidade de retórica aos questionamentos lançados. Certas dificuldades também foram registradas ao longo dessa etapa metodológica: alguns dos entrevistados se sentiam incomodados com a exposição no vídeo e outros não assumidos sentiam-se receosos de expor sua sexualidade. Para dirimir quaisquer dúvidas que impedissem as entrevistas todos os nomes foram ocultados e as entrevistas não foram gravadas, sendo todas as informações coletadas registradas a mão em um caderno de campo. O uso do modelo “bola de neve” garantiu que o entrevistado assegurasse a presença de outros entrevistados próximos ao seu círculo de amizade possibilitando a continuidade das entrevistas. Vale mencionar que a escolha da faixa etária entre 20 e 30 anos foi uma forma de reduzir a escala de análise e viabilizar a existência da pesquisa, sendo uma escolha única e pessoal do pesquisador. Outros fatores como o maior apelo desses espaços de sociabilidade junto a essa faixa etária na promoção de festas e eventos e a assiduidade e importância identitária que tais espaços conferiam a frequentadores dessa idade pesaram na escolha do grupo focal.

A não utilização do acervo da biblioteca e do espaço físico da mesma impactou diretamente na construção metodológica da pesquisa. A revisão bibliográfica teve como base a busca por artigos, dissertações e teses na internet. O uso de domínios como o Grupo de Estudos Territoriais (GETE) e a Revista Latino Americana de Geografia e Gênero foram importantes recursos para a construção bibliográfica. A pesquisa em sites de jornais e revistas como o Jornal O Globo, compreendendo os anos de 2010 e 2020, se mostrou igualmente importante pois permitiu atribuir um caráter histórico as diferentes práticas de sociabilidade e encontros gays realizados na área central do Rio de Janeiro traçando antigos e novos locais de encontro e suas respectivas mudanças espaciais ao longo dos últimos anos.



REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão teórica da pesquisa focalizou a discussão de dois conceitos chaves: sociabilidade e centralidades. Buscando teorias, autores e Escolas do Pensamento na Geografia e em disciplinas correlatas como a Economia, Sociologia Urbana, Antropologia Urbana e História objetivou-se a aplicação desses conceitos a realidade analisada. Para a discussão sobre centralidades e Áreas Centrais foram utilizados autores como Castells (1973), Lefebvre (2007), Silva (2001), Sposito (2009, 2011), Rabha (2006) e Duarte (1967).

A emergência da discussão sobre centralidades está relacionada ao estabelecimento das Teorias das Localidades Centrais desenvolvidas ao longo do século XIX e XX por estudiosos como Von Thunen (1826), Alfred Weber (1909) e Walter Christaller (1933). Tais autores analisavam a ideia de centralidade a partir da noção de aglomeração. Essas teorias, que tratavam tanto de áreas urbanas quanto de áreas rurais, tinham alguns elementos em comum: o primeiro deles era os chamados “fatores locacionais” caracterizados pelo custo dos transportes, renda fundiária, concentração de atividades no espaço e a maximização/minimização dos custos e lucros dos consumidores e fornecedores; o segundo elemento em comum seriam a adoção de um modelo monocêntrico para analisar as cidades, com um grande núcleo central, aglutinador de fluxos, serviços e informações. Uma teoria que merece destaque nesse período é a “Teoria dos Lugares Centrais” de Walter Christaller (1933) cujo autor buscava analisar os diferentes níveis de hierarquia urbana a partir da distribuição dos núcleos de povoamento, tamanho e funções econômicas. Assim, segundo o autor, existiriam os chamados “lugares centrais” que seriam “pontos no espaço responsáveis pela distribuição de bens e serviços atraindo os agentes econômicos com o objetivo de atender suas demandas específicas” (SILVA, 2001). Os lugares centrais estaria assim, no topo da hierarquia urbana, sendo dotados de uma diversidade de serviços e fluxos de amplo alcance territorial, contrastando, com as demais áreas ao longo dessa hierarquia que contavam atividades de serviço e consumo elementares que atraíam apenas a população local.

Avançando nessa discussão temos a formação em 1920 da Escola de Chicago que se propunha a analisar a expansão urbana e o crescimento populacional vivenciado por Chicago naquele



período³. Essa escola de pensamento propunha pensar os fenômenos urbanos decorrentes da rápida urbanização e industrialização sob uma perspectiva evolucionista e naturalista, pensando a cidade como um organismo e as relações sociais como uma competição. Essas ideias permitiram a formulação de teorias e modelos urbanos que explicavam a distribuição espacial e localização dos grupos sociais baseados no seu status econômico, social e étnico e cuja a ideia de “conquistar” determinados espaços da cidade estaria diretamente relacionada às suas condições sociais. Segundo essa lógica, o Centro da cidade seria o local privilegiado, o núcleo territorial principal onde a cidade se expande e se organiza e foi a partir dele que os modelos de organização da cidade de Ernest Burgess (1925), Homer Hoyt (1933) e Harris e Ullman (1945) foram planejados.

O modelo idealizado por Burgess (1925) estabelecia a existência de um *CBD* (*Central Business District*) ou uma “área central de negócios” marcada por um elevado preço do solo, com a presença de serviços e atividades especializadas e de grande alcance territorial e marcada por um alto grau de verticalização sendo facilmente identificado na paisagem urbana. O *CBD* seria delimitado pela ocorrência de outras áreas concêntricas como uma zona de transição, uma zona industrial e uma área de moradia burguesa. Em contraponto a esse modelo o especulador imobiliário Homer Hoyt (1933) estabelece a abordagem setorial: segundo esse modelo, a cidade seria dividida em setores que partiam do núcleo central em direção às áreas periféricas que se expandiam através da oferta de transportes e do grau de acessibilidade conferido. Essa divisão setorial estaria também ligada a uma ocupação estratificada da cidade por diferentes classes sociais, com uma elite dominando o Centro e a presença de classes inferiores e médias nas áreas periféricas. Por fim, a teoria de Harris e Ullman (1945) inova ao romper com a ideia de uma cidade monocleada e sustentar a teoria dos “núcleos múltiplos”; a existência desses múltiplos centros estaria ligada ao fenômeno das economias de aglomeração.

Complementando a discussão conceitual temos o uso de autores como Henry Lefebvre (2007) sobre a estrutura urbana e a formação de centralidades. Lefebvre (2007) entendia a cidade como uma entidade dinâmica e relacionada ao processo histórico estando em permanente processo de construção. Desse modo, o autor encarava a centralidade como um atributo do espaço resultante do modo capitalista de produção baseado em concentrar, reunir e aglutinar pessoas, informações

³ A Escola de Sociologia Urbana foi criada no Departamento de Sociologia Urbana na Universidade de Chicago e serviu como um laboratório para a análise dos fenômenos urbanos baseados em correntes de pensamento como a Ecologia Humana e o Darwinismo Social (COLÓN, 1992).



e valores em um determinado ponto do espaço com o intuito de maximizar os lucros e otimizar os custos.

Analisadas sob essa perspectiva, as centralidades segundo Lefebvre (1970), não seriam atributos únicos e estáticos com uma ocorrência limitada a um ponto do espaço. Mas seriam atributos que superariam sua própria localização e história reproduzindo diferentes necessidades, intenções e ideias de diferentes grupos sociais ao longo do tempo e por isso encontrados em diferentes pontos do espaço, dado o caráter múltiplo da intencionalidade na formação desses atributos. A poli(multi)centralidade será alvo de debates de autores como Sposito (2009) e Silva (2001); a autora destacará o período histórico que marca a consolidação das cidades multicêntricas, o pós Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela expansão dos subúrbios americanos e a popularização do automóvel garantindo maior capacidade de deslocamento e fluidez territorial. Silva (2001) complementa afirmando que a maior capacidade de mobilidade por parte da classe média permitiu que equipamentos de consumo (*shopping centers*, hipermercados) se localizassem às margens de rodovias e áreas distantes do Centro tradicional fazendo emergir novas centralidades. A emergência desse caráter multi(poli)cêntrico iniciou uma série de reformas urbanas no “antigo” Centro da cidade, numa clara tentativa do grande capital de substituir as antigas funções de moradia e comércio, que agora migriam em direção às periferias e subcentralidades, por funções de gestão e administração no Centro principal.

A presente pesquisa rompe com outras da mesma temática que abordaram esses locais de sociabilidade e encontros na perspectiva de guetos (PERLONGHER, 1986) e microterritórios (COSTA, 1992) por acreditar que o objeto de análise, as áreas de sociabilidade e encontro gay no Centro do Rio, não tenha um caráter notadamente gay masculino em relação aos seus frequentadores, tendo constante presença de mulheres e homens heterossexuais⁴, transsexuais, travestis e bissexuais. A presença desses atores rompe com a lógica de dominação absoluta e unívoca que o uso de tais conceitos sugeriria. Outro aspecto importante é o caráter aglutinador que tais espaços despertam entre a população estudada: os longos deslocamentos até esses espaços feitos por seus frequentadores, a presença de pessoas de municípios vizinhos e a

⁴ A presença de outros atores não gays cis masculinos, como evidenciado nas entrevistas, desperta o incomodo e desinteresse por parte dos frequentadores. É recorrente a busca por outros locais quando a presença de outro tipo de público se torna maioria.



inserção desses espaços num circuito econômico local e global gay reafirma o caráter centralizador desses locais.

A discussão sobre sociabilidade na pesquisa usa como referenciais os estudos realizados por Simmel (1911) e a Escola de Chicago com destaque para os trabalhos realizados por Robert E. Parker (1916). No caso de Simmel, a obra seminal “A vida mental na metrópole contemporânea” (2006 [1911]) a contribuição é centrada na ideia de “*atitude blasé*” e na alegoria do jogo de cena e de Parker é a análise das “*regiões morais*”.

Simmel ao analisar a vida da moderna Berlim *fin de siècle* e o seu rápido crescimento territorial acompanhado de uma lógica racionalizadora e capitalista de ordenação do espaço discute os impactos que isso promove nas relações sociais dos indivíduos. Segundo ele, a modernização da vida na cidade levou a uma “*sociabilidade desinteressada*” marcadas pela perda da originalidade e cada vez mais “*espiritualmente distantes*” (SIMMEL, 2006 [1911]). Desse modo, as pessoas em suas relações sociais exerciriam aquilo que ele descreve como atitude blasé: mecânica, sem profundidade e marcada pela necessidade do indivíduo assumir diversos papéis sociais de acordo com os locais em que frequentava e o livre trânsito que possuía entre eles. Esse “jogo de cena” exigiria desses indivíduos a assunção de uma personalidade distante, facilmente adaptada às condições do meio e não verdadeira. Adaptada às mudanças teóricas e históricas a teoria simmeliana é utilizada aqui para compreender o “*jogo de cena*” exercido pelos frequentadores desses espaços de sociabilidade estudados. Para muitos, conforme reiterado nas entrevistas, estar nesses locais seria uma forma de viver uma identidade plena e segura, o que lhe é negado em outras áreas da cidade, inclusive no próprio Centro. Aqui destaco a fala de um frequentador de uma boate gay na Praça Tiradentes, uma das centralidades estudadas, sobre o que é estar ali para ele: “*eu não me sinto seguro para andar de shortinho (sic) nas ruas do Centro. Então vou cheio de medo (sic) até a boate mas quando chego lá ninguém me segura: danço, subo no palco, pego geral (sic). Me sinto livre lá*”. Desse modo, como estratégia de defesa, segurança e aceitação às regras da sociedade heteronormativa e das relações sociais vigentes esses atores assumem papéis disparem em determinados pontos do espaço criando seus próprios jogos de cena.



Robert E. Parker (1916) um dos expoentes da Escola de Sociologia Urbana de Chicago irá analisar as dinâmicas citadinas partindo da premissa que “*a cidade é um estado de espírito*” transformado a partir de uma interação entre a ordem territorial e a ordem moral. O autor sustenta a teoria das chamadas “regiões morais”, áreas da cidade que reúnem pessoas que partilham do mesmo código moral em relação a gostos, estilos e comportamentos. Numa cidade em rápido processo de expansão e consequente fragmentação/segmentação havia a coexistência de diferentes regiões morais coesas internamente, mas diferenciadas e refratárias em suas relações com outras regiões morais. Essas áreas eram vistas como violentas e degradadas por concentrarem grupos sociais marginalizados como a população LGBTQIA+, imigrantes e a comunidade negra. Parker idealizou um modelo que estabelecia sem correlação numérica ou estatística, a presença da criminalidade na cidade a existência dessas regiões morais e impunha como objetivo uma transição e consequente integração dessas áreas a vida saudável dos outros espaços urbanos. A discussão de regiões morais, revista e atualizada, serve de fio condutor para a análise dessas centralidades a medida que mesmo inseridas em circuitos econômicos de alcance global e num discurso de *pink money*⁵ sua localização ainda ocorre em áreas periféricas do Centro da cidade diante de forte resistência e perseguição por parte do Poder Público e da sociedade civil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão relatados os resultados da pesquisa: importante ressaltar que os resultados a seguir e a pesquisa em si estão abertos ao escrutínio público e não buscam ser verdades totalizantes a respeito dessa temática, apenas, mais um ponto de discussão no interior da Geografia de Gênero e Sexualidades.

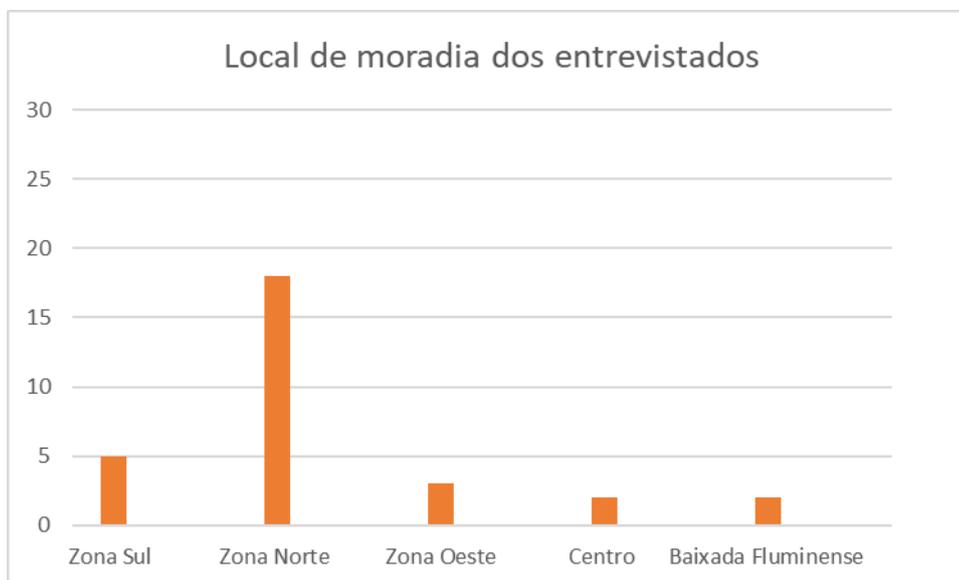
A escolha da área central como um local de múltiplas centralidades da sociabilidade gay respaldou-se nas entrevistas realizadas com 80 frequentadores desses espaços residentes na região metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). A partir da análise do alcance espacial máximo

⁵ Autores como França (2009) discutem o *pink money* (dinheiro rosa) reconhecido como a prática de criação de mercados, produtos, estilos, símbolos e gostos destinados a população LGBTQIA+, notadamente gay masculina e de elevado poder aquisitivo materializado pela existência de marcas de roupas específicas, boates e turismo segmentado.



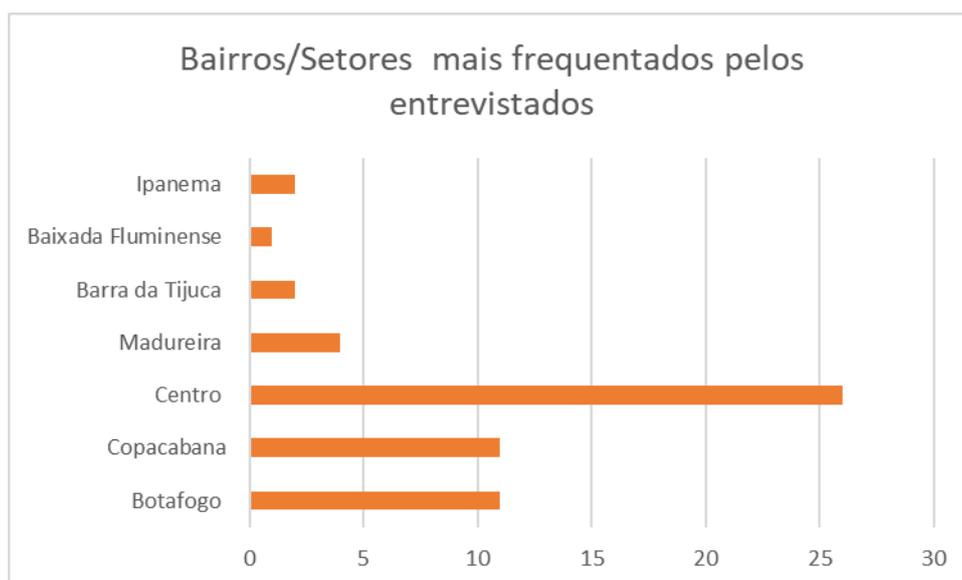
e mínimo realizado por eles na busca de espaços de lazer e encontro foi elaborado os seguintes gráficos:

Gráfico 1



Fonte: entrevistas

Gráfico 2



Fonte: entrevistas

Como demonstrado no gráfico parte expressiva dos entrevistados residia nas zona norte e sul da cidade e buscavam espaços de lazer e encontros na Área central do Rio de Janeiro o que



atesta o seu alcance espacial máximo para atividades desse tipo, e portanto, o caráter central na oferta dessas atividades. A explicação para isso pode ser baseada no histórico do Centro do Rio de Janeiro junto a concentração de espaços de sociabilidade LGBTQIA+ e a diversidade na oferta de meios de transporte o que ajuda a garantir maior fluidez e acessibilidade nessa área da cidade.

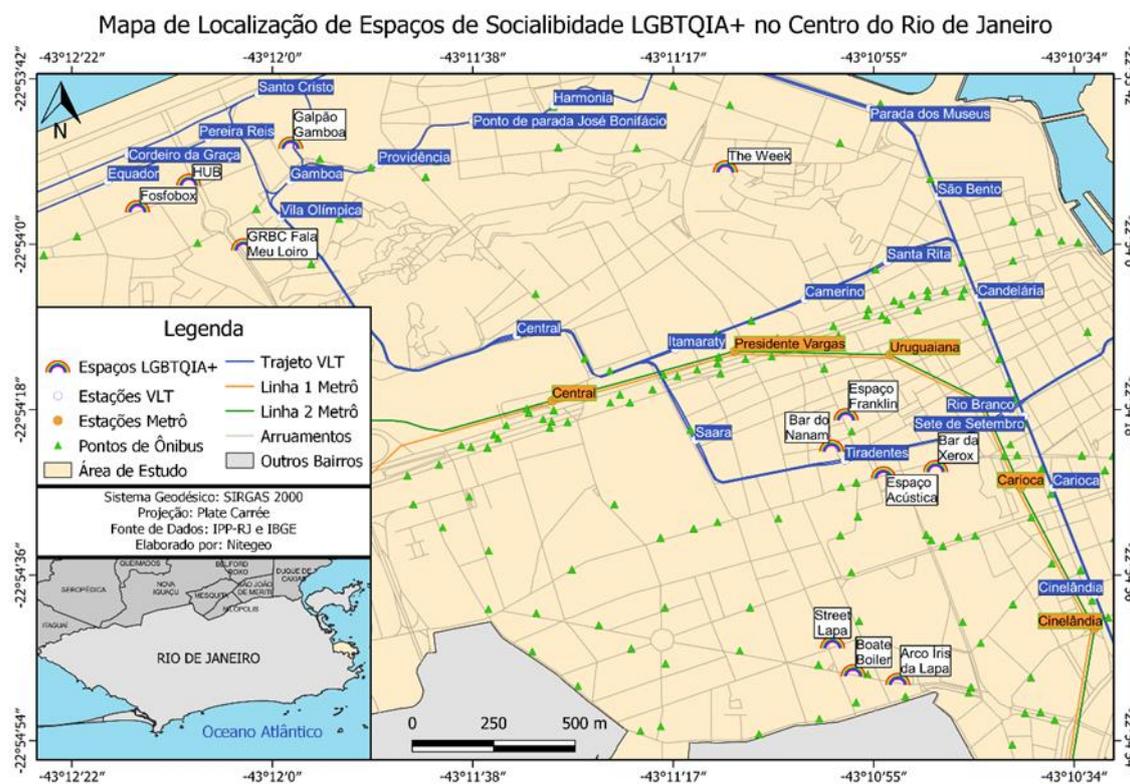
Diante disso os interlocutores foram questionados a respeito de locais na área central voltados para a interação e encontros gay que sejam representativos para a população gay e frequentado por eles; os espaços estão listados na tabela a seguir:

Tabela 1

EIXO 1 (Praça Tiradentes/ Arcos da Lapa)	EIXO 2 (Praça Mauá/ Gamboa e Santo Cristo)
Espaço Acústica	The Week
Boate Boiler	Fosfofox
Arco Íris da Lapa	Galpão Gamboa
Street Lapa	HUB
Bar da Xerox	FAU
Bar do Nanan	Blocos Carnavalescos
Espaço Franklin	Fala, meu Louro.

Fonte: Entrevistas

De posse dessas informações percebe-se a existência de dois supostos eixos, aqui tratados como centralidades, de equipamentos e espaços de lazer e sociabilidade gay no centro do Rio de Janeiro. Em comum, tem o fato de estarem situados na Zona Periférica ao Centro (ZPC), porém aprofundando a análise das práticas espaciais e interações sociais desenvolvidas nesses locais algumas diferenças são destacadas. O mapa abaixo espacializa a localização desses espaços:



Na centralidade 1 (Praça Tiradentes – Lapa) concentram-se boates de pequeno porte e bares/botequins. Parte expressiva de seus frequentadores são residentes de bairros da Zona Norte e Oeste, além de municípios da Baixada Fluminense e da região oceânica de Niterói. De forma expressiva são homens jovens, entre 20 e 23 anos, negros ou pardos, desempregados ou subempregados, que mantêm uma relativa dependência financeira de seus pais e tutores e que usam preferencialmente o transporte público de massa (ônibus, trens e metrô) para se deslocarem até esses locais, tendo com isso sua mobilidade pela cidade e a escolha por esses locais atreladas ao uso desses transportes. A frequência nesses espaços ocorre quinzenalmente ou mensalmente e preferencialmente optam por festas com preço populares e do tipo *open bar* (consumo liberado).

Na centralidade 2 (Praça Mauá – Gamboa- Santo Cristo) concentram-se boates de grande porte e atuação nacional e festas e/ou eventos realizados em espaços públicos da área. Parte considerável de seus usuários são residentes de bairros de classe média e alta da Zona Sul e Zona Oeste da cidade. De forma expressiva são homens cuja faixa etária gira em torno de 27 a 35 anos de idade, empregados e com uma relativa estabilidade/autonomia financeira, brancos



em sua esmagadora maioria e que fazem uso de automóveis ou aplicativos de carro compartilhado para se deslocarem até esses locais, tendo maior fluidez e inconstância quanto a escolha desses locais. A frequência nesses espaços é semanal (eventualmente ocorrendo mais de duas vezes em um mesmo final de semana) e muitos possuem cartões fidelidades nesse conferindo um alto poder de consumo e livre acesso a espaços vips nesses eventos.

Por mais que explicitamente não exista uma fronteira que delimite esses dois espaços e muito dos interlocutores transitem com relativa fluidez entre ambos, existem barreiras invisíveis pautadas em questões de gênero, filiação étnico-racial e classe social que limitam e impedem o contato e permanência entre os frequentadores dessas duas centralidades. Reiteradas vezes ao longo das entrevistas, usuários de ambos os lados, queixavam-se sobre a “diferença de mundo” que existiam entre eles e como isso impedia uma proximidade. Essa “diferença de mundo” em sua maioria se referia a capacidade de consumo destoante entre esses atores e sobretudo a diferença entre padrões corporais, comportamentais e raciais.

Desse modo essas diferentes expressões de centralidade designariam uma forma segmentada e fragmentada da população gay de produzir e ocupar os espaços da cidade, reproduzindo os discursos de segregação e marginalização que a sociedade heteronormativa os impõe em seus próprios espaços.

Outro ponto aventado é a relativa mobilidade dessas centralidades ao longo do tecido urbano. Na última década essas expressões de centralidade da sociabilidade gay na Área Central assumiram diferentes localizações, migrando do antigo circuito homoerótico (GREEN, 1999) da Cinelândia e Praça Floriano Peixoto para boates, bares e saunas na Lapa, Praça Tiradentes e Zona Portuária. Porém, a localização dessas centralidades não se encontra estática atualmente apresentando uma tendência para o futuro próximo de deslocamento para outras áreas do próprio Centro ou outros bairros da cidade. A explicação para a intensa mobilidade dessas centralidades são baseadas pela busca incessante do novo, do diferente e de novos locais por esse público específico. A grande frequência nesses locais tornam esses espaços obsoletos rapidamente e acabam despertando o interesse por novos espaços e possibilidades, eliminando ou até mesmo espraindo essas centralidades ao longo da tessitura urbana.



Outra justificativa para o processo retratado é o que chamo de heteronormatividade das centralidades da sociabilidade gay⁶, no que consistiria, numa presença cada vez maior de homens e mulheres heterossexuais nesses espaços motivando conflitos e incômodos entre seus frequentadores originais e levando-os a buscarem outros espaços (re)criando novas centralidades. Desse modo a investigação dessas centralidades não se encerra com esse estudo de caso e muito menos na Área Central do Rio de Janeiro, sendo um processo com crescente mobilidade e reproduzindo o padrão de produção da cidade vigente: fragmentado, segregador e racional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado buscou contribuir para a discussão de Gênero e Sexualidades na Geografia Brasileira. Diante do contexto de ataque sistemático às Humanidades e a produção científica como um todo propor um trabalho que pense as diferenças e singularidades de grupos sociais marginalizados é importante na luta pela democracia e na busca de representatividade. A pesquisa se propôs a pensar a produção da cidade e sua lógica de organização interna de modo a contemplar grupos sociais, que mesmo marginalizados e socialmente expostos a violências e interdições no espaço, produzem e se apropriam da cidade do seu modo, através de uma ocupação festiva, lúdica e auto afirmativa. Porém, para pensar esses espaços e os processos correlatos a ele é necessário uma abordagem que debata a interseccionalidade. Somente levando em consideração aspectos como classe social, filiação étnico racial e identidade de gênero podemos analisar como esses grupos se apropriam da cidade, produzem cidade e acima de tudo reproduzem ao longo desse processo as mesmas interdições, apagamentos e discriminações que a sociedade heteronormativa os impõe. Assim, ao analisar esses espaços de sociabilidade percebamos que mesmo em sua marginalidade os homens gays se inserem na lógica de produção de uma cidade hostil, segregadora e fragmentada reafirmando o atual processo neoliberal de produção do espaço urbano.

⁶ Os interlocutores explicavam o processo do seguinte modo: um amigo gay convidava uma mulher hetero para frequentar esses espaços. Depois de certo tempo, homens heterossexuais começavam a frequentar esses espaços atraídos pela presença das mulheres e assim rapidamente o público heterossexual tornava-se majoritário



REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida Abreu. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. IPP, 1988.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira., 2010.
- CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo. Ática. 1993
- COSTA, B. P. da. Práticas espaciais de “pegação” homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente- SP e Vitória da Conquista -Ba. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*. Vol 5, n 1, UPEG. Ponta Grossa-PR, 2014.
- COSTA, B.P. da. *Microterritorializações e microterritorialidades urbanas*. *Revista Terr@ Plural*, vol 11, n 1, UEPG. Ponta Grossa -PR, 2017.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. (Tradução Tomás Bueno). Campinas, São Paulo.: Papyrus, 1995.
- DUARTE, Aluizio Capdeville. *A área central do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Divisão de Geografia (org.). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1967
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade – a vontade de saber*. São Paulo. Ed Graal, vol 1, 14ª edição, 2001.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e Pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS em São Paulo*. São Paulo. Universidade de São Paulo. Tese (doutorado), 2006.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo. Abril Cultural: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985
- GÓIS, Marcos Paulo Ferreira. *Paisagens Noturnas Cariocas: Formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. UFRJ. Tese (Doutorado em Geografia), 2015.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A Condição Urbana: Ensaio da geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro, 304 p, 2002.
- GREEN, James N & QUINALHA, Renan (Orgs). *Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistências e a busca pela verdade*. São Carlos: EDUfscar, 332p, 2014.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução: Cristina Filho e Cássio Arantes Leite. 2 ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.
- GUIMARÃES, Carmem. *O Homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Dissertação de Mestrado, 1977



- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo. Loyola. 1992
- LAMPIÃO da Esquina. In: *Lampião da Esquina*. Grupo Dignidade, 2019. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 1 jun. 2021.
- LEFEBVRE, Henri. *A Produção do Espaço*. Paris. Editions Anthropos, 1974.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito a Cidade*. São Paulo, 1991.
- ORNAT, Márcio José. Sobre gênero, espaço e geografia feminista. *Ponta Grossa -PR. Revista Terr@ Plural*, vol. 2, 2008.
- PARK, Robert. *A cidade: sugestões para investigações sociais no meio urbano [1916]*. In: Velho, Otávio G (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro. Zahar, 1973.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. 2ª ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- RABHA, Nina de Carvalho Elias. *Centro do Rio: perdas e ganhos na história carioca*. 443 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo & MATTOS, Rogério Botelho de. *Territórios da Prostituição de Rua na área central do Rio de Janeiro*. In: Ribeiro, Miguel Ângelo (org). *Território e Prostituição na metrópole carioca*. São João de Meriti, Rio de Janeiro. Ecomuseu Fluminense. p 88-112, 2002.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo. Hucitec. 1996
- SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade de Salvador*. Salvador. Livraria Progresso. 1959
- SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público – As tiranias da intimidade*. Ed Companhia das Letras. São Paulo, 1993.
- SILVA, Joseli Maria. *A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade*. Rio de Janeiro. GEOUERJ. Vol 1, p 1-17, 2008.
- SILVA, Joseli Maria. *Gênero e Sexualidade na análise do espaço urbano*. Florianópolis. GEOSUL. p 117-134, 2007.
- SILVA, Joseli Maria. *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa. Editora Toda Palavra. Ateliê Geográfico. p 254-257. 2011
- SILVA, William Ribeiro da. *A formação do centro principal de Londrina e o estudo da centralidade urbana*. Londrina. GEOGRAFIA, 2010.



- SILVA, William Ribeiro da. Centro e Centralidade: uma discussão conceitual. Universidade Estadual Paulista. Revista Formação (online), 2001.
- SILVA, William Ribeiro da. Para além das cidades: centralidade e estruturação urbana: Londrina e Maringá. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, 280 p, 2006
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In Botelho André (org). Essencial Sociologia. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras. p 311-329, 2013
- SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1993
- SOUZA, André Felix. Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro- Rio de Janeiro- 2013.
- SOUZA, M.L. O direito ao centro da cidade. Publicado em: 03/04/2011. Disponível em: <http://passapalavra.info/2011/04/37960/> (Acesso em 11/05/2021).
- SPOSITO, M Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. Território, Rio de Janeiro: UFRJ, v.3, p. 27 – 37, 1998.
- SPOSITO, M Encarnação Beltrão. Centralidade Intraurbana. Conjuntura Prudente. Presidente Prudente. UNESP, v.3, p. 49-54, 2002.
- SPOSITO, M Encarnação Beltrão. O centro e as formas de centralidade urbana. Revista Geografia. São Paulo: UNESP. Vol. 10, p1-18, 1991.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa ação. 2º. ed. rev. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1986. 106 p.
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade. Ed. revista e ampliada. 4ª edição Rio de Janeiro. Record: 2000.